

VOLUME I · 1991



Igreja Santa Teresinha — Fundação e Construção

Algumas notas sobre a sua fundação e construção

Moisés Tavora Pacheco

Igreja Santa Teresinha — Fundação e Construção

Algumas notas sobre a sua fundação e construção

Moisés Tavora Pacheco

1991

Sumário

Apresentação do autor

O Início

Primeiros Passos

O Projeto

Os Recursos

O Início das Obras

A Construção

As Festas

Os Festeiros

A Imagem de Santa Teresinha

O Pregador

O Extraordinário

O Aerocel

O Tiro ao Alvo

Final

Anexo — A Igreja em imagens

Título original (1991): "A Capela de Santa Teresinha do Passo da Areia — Algumas Notas Sobre a Sua Construção". Nesta edição digital, o título foi atualizado para "Igreja", termo que usamos hoje; o texto do autor foi preservado, com o termo "Capela" da época.

Apresentação do autor

Em 1987, durante ocasião de lazer, nossos amigos Dária e Luiz Carlos, a Lourdes e eu, relembávamos a construção da Capela de Santa Teresinha, do Passo da Areia. Foi quando nos ocorreu a idéia de reunir algumas notas sobre aquele trabalho realizado pela nossa Comunidade.

Coincidentemente, algum tempo depois o Dr. Ernesto Bode. Presidente da Comissão da Capela, ainda em exercício, nos procurou para solicitar o relato que tínhamos em mente.

Nada poderia ser mais oportuno, pois até a nossa intenção de ver publicadas essas notas, era partilhada por ele.

Colocamos mãos à obra, mas demoramos bastante a concluí-la: o tempo passara - quase trinta anos os documentos escassos e de difícil obtenção, tivemos que nos valer da chamada tradição oral, principalmente.

É nossa intenção que esta publicação se constitua, ainda que modestamente, uma homenagem a todos os que, de alguma forma, foram responsáveis pelo erguimento da Capela de Santa Teresinha, do Passo da Areia.

Sabemos que muitos nomes deixaram de ser citados, mas, graças a Deus, foram tantos que colaboraram e muitos anonimamente, que não seria possível registrar a todos. A Capela está aí, pujante, não apenas material mas espiritualmente e é o testemunho de sua participação, para o nosso reconhecimento. Nosso Senhor Jesus Cristo, que conhece a cada um, certamente terá abençoado a todos.

São Jerônimo, outubro de 1989.

O autor

O Início

A primeira reunião para tratar, formalmente, da construção de uma Capela no Passo da Areia, então uma pequena comunidade, foi realizada no dia 27 de outubro de 1958, segundo ata lavrada por Luiz Carlos Pradella, que a secretariou.

O Passo da Areia, de longo tempo, possuía certa importância no município de São Jerônimo, que então compreendia uma vasta área territorial. Em função do porto, em certa época, a sede do município era o centro de toda uma região, pois predominando o transporte fluvial, não só para cargas como de passageiros, praticamente tudo e todos passavam por aqui. Como quase não havia estradas, a maior parte das cargas que embarcavam ou desembarcavam, eram transportadas em carretas ou carroças de quatro rodas e o Passo da Areia era o ponto onde esses transportadores pernoitavam. Era ali que descansavam homens e animais, para se refazerem das duras jornadas a que se submetiam. E havia instalações especiais para isso, com água e abrigos adequados para uns e outros, além de uma venda como era chamada, onde eram servidas refeições de ótima qualidade, independente de horário.

Não conhecemos São Jerônimo nessa época, mas esses fatos são conhecidos da maioria dos mais antigos, e nos foram repetidos - os detalhes por um desses transportadores, o Sr. Osmar de Souza, expedicionário da FEB e que hoje reside na cidade de Guaíba.

A casa comercial e as instalações para pouso, como se chamavam, pertenciam ao Sr. Antônio Ruiz, pai de Dna. Carolina, esposa do Sr. Agnelo Miller. Com o predomínio do transporte motorizado, o Passo da Areia perdeu muito de seu antigo movimento, restando apenas a casa comercial e algumas residências, para lembrar aqueles tempos. Era 1958. Pois Dna. Carolina liderava o trabalho para o crescimento religioso do bairro, o qual incluía o sonho de uma Capela, motivo maior da reunião já citada, reunião essa que se realizou em sua residência, onde, a partir daquela data, passaram a acontecer as assembléias litúrgicas.

Pesquisa feita indicava que 87 famílias, totalizando 386 pessoas, formavam o bairro: 78 famílias católicas, que em sua maioria não freqüentavam a Igreja regularmente. Todos aprovaram a idéia da Capela, verificando-se apenas duas abstenções de não católicos, logo 85 aprovações e 2 abstenções.

Voltando a reunião esta foi presidida pelo Pe. Afonso Wiest, Vigário da Paróquia de São Jerônimo. Presentes os Srs. Ari Luiz Tiburi, Darci Dornelles, Carlos Max Güntzel, Mário Médicis Sicca, Emilio Athanásio, João Vicente Friedrichs, Luiz Carlos Pradella, João Ramiz Ruiz e esposa, João Francisco Cardoso e esposa, Pedro Manoel Teodoro, o autor destas notas, além é claro, do casal anfitrião, Agnelo e Carolina e suas filhas Dária e Maria de Lourdes, esta responsável pelo pequeno censo realizado no bairro. Várias outras pessoas estavam presentes e não são citadas, pois apenas uma folha da Ata alusiva foi encontrada.

Procedida a eleição de uma Comissão Executiva, que ficaria responsável pela condução dos trabalhos de construção da Capela, foram eleitos: Agnelo Miller, Presidente: Alice Ruiz Castilhos, Secretária e Moisés Távora Pacheco, Tesoureiro. Dna. Alice não estava presente, mas representava o elemento feminino, indispensável, segundo um dos presentes, para que se evitasse o ocorrido com a igreja do Padroeiro da cidade, São Jerônimo. Eleita a Comissão de Honra: Dr. Carlos Alfredo Simch, Sr. João Vicente Friedrichs, Dr. José Athanásio, Dr. Luiz Miller Picareli e Prof. Mário Médicis Sicca. Foi eleita, também, uma Comissão Especial e outra de Transportes, que eram formadas por 24 colaboradores, que efetivamente trabalharam para a realização da obra. Eram os seguintes:

Angelina Ribeiro, Antônia Cardoso, Benito Garcia, Carlos Max Güntzel, Dalton Ruiz, Emilio Athanásio, Fantina Vieira Köbe, Glória Ruiz, Erminio Pradella, Hermo Salvi, Ítalo Pradella, João Francisco Cardoso, João Ramiz Ruiz, Lúcia Barcelos, Lisinei Ruiz Castilhos, Luiz Carlos Pradella, Maria Ache, Nélío Steigleder, Osmar Hirt, Rubens Pradella e Ruy Fonseca.

Transportes:

Ari Luiz Tiburi, Luiz Werlang e Darci Dornelles.

A construção da Capela estava decidida; segundo o Pe. Afonso, deveríamos escolher, também por votação, o Padroeiro ou Padroeira da Capela. Dos vários lembrados foi escolhida Santa Teresinha do Menino Jesus, seguida de Santo Antônio.

Deixamos para falar por último do terreno onde foi construída a Capela, pois ele foi a base para o início desse trabalho, o ponto de partida, pois teve a força de unir a comunidade. Esse terreno foi uma doação do Sr. Brandino Maria Valle, um dos antigos moradores do bairro,

especialmente para a finalidade de construir-se uma Capela. Era um dos lotes de uma área colocada à venda pelo Sr. Brandino, de excelente localização.

Primeiros Passos

As missas celebradas mensalmente na sala de Dna. Carolina, aconteceram até a colocação do telhado da Capela, assim como batizados e até Crismas foram administradas pelo Sr. Arcebispo.

As celebrações contavam com bom número de fiéis e eram um exemplo de comunidade cristã. Em um local improvisado, cada um acomodava-se como podia. Os mais velhos ou deficientes conseguiam uma cadeira, entre estes estava sempre o Dom Pedro, apoiado em sua bengala. As crianças sentavam-se no chão. Orava-se para que as obras fossem logo iniciadas e uma semana após a primeira reunião, começava a chegar material para a "Campanha Pró-Construção da Capela de Santa Teresinha, do Passo da Areia" como passou a ser chamada. Eram as primeiras 100 pedras de alicerce que chegavam, graças ao Erminio Pradella e o Ari Tiburi, da Comissão de Transportes; custaram Cr\$ 90,00, número que não é conveniente tentar converter à moeda atual, tantos zeros seriam necessários para chegarmos a um centavo.

A comunidade ficou entusiasmada, aparentemente a obra logo estaria em andamento. Mas não foi fácil assim. O Arcebispado entendeu que o terreno tinha pouca frente - 12 - e as tentativas de adquirir um contíguo não tiveram êxito.

Os projetos apresentados, um deles do Sr. João Vicente Friedrichs, construtor de grandes obras em Porto Alegre, foram considerados muito onerosos e que a Comunidade não teria recursos para construir.

Decorrido algum tempo foi aprovado um projeto feito pelo Ítalo e Luiz Carlos Pradella, sobre esboço do autor destas notas. Na Cúria não teve a mesma receptividade, foi considerado ousado na época, antes do Concílio Vaticano II, somando-se às dificuldades com a largura do terreno.

Quando a Comunidade já começava a impacientar-se com a demora, o Passo da Areia recebeu a visita do Sr. Arcebispo D. Vicente Scherer, que administrou o sacramento do Crisma. Nesta oportunidade reexaminou o assunto e aprovou a construção, com pequenas alterações internas e ainda deu sua contribuição, assinando o Livro de Ouro.

O Projeto

Elaborado a partir da idéia: "O homem cresce na medida em que se volta para o alto", era um projeto de muita simplicidade e funcionalidade. Nas linhas verticais predominavam formas triangulares, onde o ângulo menor ficava junto ao solo, ou seja se tornavam maiores quanto mais se afastavam do solo. Assim a torre, colunas laterais e do átrio marcavam o estilo. Internamente os móveis seguiam a mesma linha. Na Capela-Mor, ladeada por estantes na linha do prédio, ficava a Cruz, sem imagem, símbolo de Cristo Ressuscitado (Ressuscitou. Não está aqui. Mc 16,6). Em um desses móveis ficava o Sacrário, no outro a Bíblia Sagrada, a imagem de Santa Teresinha em outra estante, mais baixa e sem ser fixada, quase um console como são chamadas. Seria a única imagem, o que foi alterado pela Comunidade, ainda durante a construção, introduzindo-se a do Coração de Jesus, já na nave.

Não teria os tradicionais bancos, mas cadeiras, interligadas para evitar ruídos; a pia batismal seria na frente e não na entrada como era costume, detalhe que provocou ampla discussão, envolvendo religiosas, comunidade, não chegou a ser completada, mas por longo tempo foram realizados batizados, levando o detalhe ao esquecimento.

Nós defendíamos com toda força a manutenção do projeto integral, nisso tínhamos valioso apoio em Madre Adélia Maria, Diretora do Hospital e no Cônego Antonino Dutra, ex-Vigário da Paróquia, mas o de grau único na Capela-Mor que a colocaria a apenas 15 centímetros da nave principal, foi terminantemente vedado em despacho da Cúria, despacho esse que exigia "cinco" degraus até a Cruz. O que fazer? Inventamos uma armação de madeira com degraus mínimos com os normais nos aproximariamos do teto. A escadaria foi feita, mas certo dia, após o Vaticano II, recebemos, por telefone, a notícia de que poderíamos desmanchar a escada, se já tivesse sido feita, e voltar ao projeto original; foi uma vitória quase uma festa para nós. Depois a euforia desapareceu quando tivemos que ver toda aquela madeira em pedaços. Para reaproveitá-la foram feitas várias emendas e o piso revestido com Vulcamármore, um revestimento de vinil, novidade na época, mas muito caro, na visão do tesoureiro, dado sem significação para o Pradella que teve a ideia, vencedora por sinal.

Na verdade o projeto não apresentava muitas inovações, apenas alguns entendiam modernista, mas, no final, proporcionou uma discussão que envolveu a comunidade, tornou a idéia conhecida e a obra acompanhada e até fiscalizada, chegando-se, a nosso ver, a um resultado satisfatório.

A responsabilidade técnica da obra foi do construtor Abílio Almeida da Silva, estruturas Eng. Nicolau Waquil, ambos nada cobraram, o primeiro atendendo pedido do Sr. Benito Garcia e o segundo do Sr. Antônio Ache, ambos ex-refeitos de São Jerônimo e grandes incentivadores da "Campanha Pró-Construção da Capela de Santa Teresinha do Passo da Areia". O projeto elétrico foi do Eng. Gilberto Giacobe, que também o fez gratuitamente.

Os Recursos

A busca de contribuições iniciou-se logo após a primeira reunião, embora houvesse apenas o terreno escriturado.

Assim, já no dia 30 de outubro de 1958, eram recebidas as primeiras contribuições, através do Livro de Ouro: Sr. Luiz Prates, Pe. Afonso Wiest, Sr. Dorival Miranda, Cônego Antonino Dutra, Sr. Trajano Prates e sua esposa, Prof. Josefina Gerhardt Prates.

Organizaram-se blocos, hoje seriam chamados de "carnes", com valores impressos, só que não havia pagamentos parcelados, cada um tomava um ou mais folhas, que tinham o valor máximo de vinte centavos (Cr\$ 0,20).

Foi organizada uma rifa, que teve como prêmio um leitão, doação do Sr. Darci Dornelles, produtor de carvão e criador de suínos no bairro e que desde o início colaborou com a Capela.

Dna. Alice Castilhos, nossa Secretária, organizou um sistema de contribuições mensais, que nada tinha a ver com o atual "dizimo", cada um dava o que queria e podia, alguns preferiam uma contribuição única, mas todas foram de grande valia. Segundo os registros existentes,

havia 145 participantes, dividido em 4 grupos, coordenados pelas Sras. Francisca Valdez (que tinha o grupo mais numeroso), Julieta P. de Oliveira e Noemia P. Vieira, além da organizadora que era responsável pelo Passo da Areia.

O Prefeito Municipal, Dr. Luiz Miller Picarelli e os que o sucederam e, também a Câmara de Vereadores sempre colaboraram com a Campanha. A Câmara em Ofício de n. 21, de 10 de novembro de 1965, colocava à disposição a contribuição de seu Presidente Jerônimo Oliveira e dos Vereadores: Benito Garcia, Affonso Peres, Francisco Bittencourt, Carolino Nunes, Manoel Maia, Vasco Alves, Ruy Fonseca e Gentil Chiká. Por ofício de 03 de março de 1965, firmado pelo Diretor da Secretaria, Paulo Renato Silva, recebíamos a doação do Vereador Emilio Athanásio.

O interior colaborou significativamente, os agropecuaristas foram responsáveis por uma boa parcela da obra. Lembramos a primeira oferta, um reprodutor da raça Jersey, doado pelo Dr. Emílio Fonseca Ferreira.

O comércio e a indústria foram incansáveis. Doações, ofertas, empréstimos de materiais, isso por quase dez anos.

Mencione-se, a bem da verdade, que toda a região colaborou, assim Arroio dos Ratos, Butiá, Charqueadas, Conde, Triunfo, além de outros em menor escala, tiveram sua parcela no erguimento da Capela.

E os nomes dessas pessoas tão importantes para nossa Comunidade? Precisariamos um volume só para registrá-los, tantos foram os colaboradores. Mas esse não seria o maior problema e sim a injustiça com aqueles que não se identificaram ou que não pudéssemos identificar. Restou-nos citar apenas os que, através de algum evento,

tinham seus nomes registrados, omitindo a grande maioria, mas, conhecendo o desprendimento com que ajudaram, temos certeza de que nos desculparam.

O Início das Obras

Decorridos quase quatro anos daquela reunião inicial, vencidas as dificuldades, que não foram poucas, teve início a construção da Capela.

Antes do alicerce, por razões técnicas, foi feita uma viga ou sapata como também era chamada. Esse trabalho teve começo em um sábado à tarde, por um grupo de profissionais, funcionários da Usina São Jerônimo, eram eles: Rodolfo Köbe, mestre, Gessi Rosa, Osmar Valles da Silva, Otávio Francisco da Silva e Vincent Kwirko; como ajudantes os integrantes da Comissão da Capela, Agnelo Miller e Moisés Távora Pacheco; a estes veio juntar-se o sr. Januário, morador do bairro e seguidor da religião evangélica, dando exemplo de ecumenismo, antes desta palavra entrar em uso.

O trabalho era bastante duro, pois para economizar, usou-se tijolos quebrados, em lugar de cascalho, o que dificultava sobremaneira a mistura com a areia e o cimento, que, logicamente, era feita com pás.

A água para o concreto e, posteriormente a argamassa era trazida em tonéis, na carroça de entregar ranchos do Presidente da Comissão Construtora.

As contribuições chegavam em pequenos valores, mas numerosas; também em material de construção e mão-de-obra, assim, todo o alicerce foi levantado sem despesas de mão-de-obra.

No ano seguinte, 1963, no dia 21 de abril, era colocada a pedra fundamental, na parede da frente, à direita de quem olha da rua, próximo à porta. Houve uma cerimônia especial, quando foram colocadas algumas moedas e os jornais do dia, juntamente com a ata alusiva.

A partir daí, as obras prosseguiram de modo lento é a plena utilização da Capela pela Comunidade.

A Construção

O andamento da obra durou aproximadamente 8 anos, aproveitando-se o período próximo às festas, para a intensificação dos trabalhos.

Assim, primeiro ano: alicerces; segundo paredes; telha no outro; revestimento a seguir, piso; móveis, torre, pintura, etc. nos demais.

Não há muito a descrever, pois já foi feita a descrição do projeto que resume na quase totalidade o que foi feito durante a construção.

Destacaríamos, por não ter sido referido, a iluminação, Luiz Carlos Pradella, que enfrentou dura luta com o tesoureiro da Comissão, que teimava em vetá-la, pelo alto custo que representava já naquela época. Um retângulo, com as lâmpadas cobertas por acrílico, novidade na época (apenas uma firma de Porto Alegre tinha à venda) era muito bonito e eficiente, mas muito caro. Para sorte de todos o tesoureiro foi vencido e o resultado, os que conhecem a Capela sabem que foi o melhor.

Embora não constasse do projeto original, decidiu-se embelezar a fachada. O painel representa a silhueta da imagem de Santa Teresinha, existente no interior da Capela. O desenho é do artista Gerson Pradella sobre idéia do Luiz Carlos.

A execução ficou a cargo de Idemar Rodrigues Ramos, "Negrito" para os íntimos e é em basalto extraído em nosso município, duríssimo, provocou muitas bolhas nas mãos do Negrito, apesar de sua longa prática no trabalho. Mas valeu a pena, além de ter ficado muito bonito, de pronto a padroeira da Capela.

Em 1970, embora faltassem alguns detalhes, como o sino, por exemplo, a Capela de Santa Teresinha estava concluída, permitindo a utilização pela Comunidade.

Por isso no dia 10 de maio de 1970 ela foi solenemente inaugurada. Com a presença da Comunidade, Prefeito Municipal, Sr. Benito Garcia, Pe. Reis Maria, Vigário da Paróquia de São Jerônimo (era assim que se chamava então) e outras autoridades e convidados, o Sr. Bispo D. Edmundo Luiz Kunz, procedeu a bênção e a inaugurou, celebrando a Santa Missa, após a inauguração.

As Festas

As festas é que tornaram possível a construção da Capela, não apenas financeiramente, mas como congraçamento da Comunidade, verificação dos valores doados e sua aplicação.

Realizaram-se festejos de 1963 até a inauguração em 1970, exceto em 1969, quando não aconteceram por razões diversas.

A Missa, inicialmente Campal, ou seja ao ar livre, era precedida por uma procissão motorizada, que conduzia a imagem de Santa Teresinha da Igreja Matriz, até o Passo da Areia. O andor enfeitado pelo Nelio era conduzido, quase sempre, por taxistas, seguido de uma enorme quantidade de automóveis e bicicletas e até alguns veículos de tração animal. A tarde, a procissão era no bairro, com muita oração.

Os festejos populares eram muito concorridos, dizia-se que imitavam os do tempo antigo.... havia ônibus especiais que trafegavam até a meia noite, o Luiz Carlos e seus companheiros da CEEE instalavam uma iluminação que podia ser vista aqui do centro, isso com a colaboração das firmas Alfredo Souza & Oliveira e Bartz & Güntzel; muitas tendas e barracas com ajuda das Madeiras, Güntzel, Nilson e Dill e as lonas de quase todos os caminhoneiros da cidade.

Os Festeiros se esforçavam para oferecer aos frequentadores, que podiam usufruir de refeições da melhor qualidade, bebidas e doces, por preços acessíveis; orientação seguida durante todo esse período. Para isso colaboravam muitas pessoas, das quais podemos citar algumas, iniciando pelos moradores da Vila da CEEE que mandavam sempre um variado e abundante estoque de alimentos que abasteciam uma boa parte da cozinha, que, aliás, eram duas. O Juvenil Vieira da Silva assava o churrasco com sua equipe e já dias antes tinha ao dispor uma carroça de espetos de madeira, preparados com numeração, a que correspondia um tiquete que era entregue quando da encomenda, para evitar qualquer engano. Assim o freguês escolhia o corte, que lhe era entregue no horário e no ponto certos. Sua esposa Selma nas saladas, Dna. Nelcy nas galinhas assadas e para o rizoto, cujo arroz, no mínimo 60 quilos, era escolhido com antecedência por Dna. Erina Zanenga, a tia Rina, que com seus mais de 80 anos se encarregava de alegrar o sempre

preocupado Tesoureiro da Comissão, que dizem, só era visto nessa ocasião apontando falhas presentes e que poderiam vir a acontecer. Dna. Maria cuidava do já famoso mocotó, receita de seu esposo Luiz Pradella, que também participava da preparação, especialmente do tempero, eram auxiliados por Dna. Geni que pela experiência, ainda presidia a comissão de preços da festa, e da Juraci, do Filhote, que limpava como ninguém vísceras, patas e outros componentes. Muitos outros nossa memória deve ter omitido. Os doces eram atração especial, tipo caseiros, sempre eram insuficientes, pois os gulosos, como nós, levavam para casa o que não conseguiam comer.

Comandava o fabrico Dna. Carolina, com ajuda da filha Dária Maria, da Maria, da nora Bety, além de muitas outras que não recordamos. Só não esquecemos a tremenda confusão formada na cozinha, era um quebrar coco, descascar amendoim, partir ovos, cortar abóboras, em quantidades inacreditáveis, mas no final nada sobrava, pelo contrário, tornava-se pouco. Dna. Glória Ramos Ruiz trabalhava em sua própria casa e seus doces eram igualmente apreciadíssimos.

Haviam ainda tendas de jogos e os leilões e rifas, lá trabalharam por várias vezes o Paulo Renato Silva e o Adão Marques, este ainda fazia horas extras na Gráfica São Jerônimo, onde trabalhava, para que o Oly Simões barateasse os programas e convites, bem como Hector Chaparro, Domingos Ferrão, Idemar Ramos, Hely Pedreira, Lírio e Paulo.

O Moisés Távora Pacheco, considerado um tremendo "pé frio" ganhou uma ovelha, preta por sinal, em uma dessas rifas, mas o pessoal achou que não devia levar e fez churrasco da bichinha. Ele então exigiu o pelego, que estragou ao curtir e perdeu a lã. Põe sorte nisso.

A chuva era um componente quase indispensável, acho que evitava um número maior de pessoas acorresse ao Passo da Areia, superando a capacidade de atendimento e comprometendo o nível dos serviços oferecidos. Vista por este ângulo, positiva era a chuva, mas olhando o sacrifício que as pessoas que trabalhavam eram submetidas, justificadas eram as orações para que fizesse tempo bom.

Na Festa de inauguração não foi diferente, às 10 horas da noite, ao chegarmos à cozinha externa, vimos que Dna. Angelina Ribeiro e suas auxiliares faziam bifes, com água próxima da parte inferior do fogão. Nos alarmamos, e ela, mostrando-nos a barraca onde muitas pessoas estavam sendo servidas, disse-nos aqui não é nada, o pior é naquela havia grande quantidade de água formando poças nas lonas de cobertura nada havia a fazer e continuava chovendo, mas as barracas aguentaram, tinham sido construídas pelos Srs. Amaro dos Santos e Décio Milhoranza. Há pouco tempo falávamos com a Sra. Lourdes Carrion, que foi Juíza daquela Festa, quando procurávamos um documento para este trabalho e ela lembrou-nos que seu esposo Luiz, também, como Caixa, trabalhou dentro d'água boa parte da noite.

As atrações recebiam atenção especial. Adultos e crianças tinham oportunidade de participar de um divertimento sadio e agradável. Aerocel, Carrossel, jogos diversos, competições ciclísticas com valiosos prêmios, a divertida "cadeia", organizada pela primeira vez pela Maria Lúcia Valle, hoje residindo em São Paulo. Outra atração, tanto na parte religiosa como na social, eram as Bandas. Lembramos a dos Teifke, de Barão do Triunfo; do Pão dos Pobres; do Raul, aqui de São Jerônimo, alegraram os festejos populares, tocaram nas procissões e até em algumas Missas.

Destaques que revelam a excelência da programação apresentada: CTG "Saudades do Pago", de Butiá, com sua Invernada Artística, nativismo autêntico, fez enorme sucesso na 1. Festa, graças ao Sr. Antônio Ache; o cantor e compositor Túlio Piva, autor de "Sandália de Prata", apresentou-se na 5. Festa, a convite do Sr. Ítalo Lena, esposo da Juíza daquela Festa, Sra. Ignezita Lena. Muitas outras atrações aconteceram naquelas Festas.

Os Festeiros

1963

Antônio José Ache, André Afonso Schmidt, Augusto Marcolin, Brandino Maria Valle, Dario Ramos Ruiz, Hermes Azambuja, Laurênio Ruiz Castilhos, Luiz Carlos Pradella, Maria Helena Athanásio, Rodolfo Köbe e Venceslau Kaczinski.

1964

Dalton Ramos Ruiz, Enedina Ataides, Henrique Ribeiro, Hortêncio Ignácio de Oliveira, Ione Maurmann, Leopoldo Andersen, Lisinei Castilhos, Luiz Pradella e Manoel João Hann.

1965

Ari Luiz Tiburi, João Ramiz Ruiz, Juvenil Vieira da Silva, Tristão Sampaio, Túlio Gazana e Vera Regina Pedroso.

1966

Darci Dornelles, Emilio Athanásio, José Amim, José João Gonçalves e Pedro Manoel Teodoro.

1967

Antônio Máximo dos Santos, Felisberto de Quadros Lima, Heron Machado Vieira, João Antônio da Silva e Plácido dos Santos; como Juíza Ignezita Ferreira Lena, denominação adotada neste ano.

1968

Alvino Pereira, Antônio Carlos Pedroso, Décio Milhoranza, Heron Borba Dias, Jadir Fernandes, Izidro José Lucas e Odemar Marques, Juíza: Lúcia Scherer Dornelles.

1969

Não foi realizada a Festa.

1970

Francisco Carvalho de Castilhos, Idemar Rodrigues Ramos, Nairo Bregolin. Juíza: Lourdes Carrion.

Esta Festa foi extraordinária, pois a Capela de Santa Teresinha do Passo da Areia, embora com alguns detalhes a concluir, recebeu a Bênção e foi oficialmente inaugurada pelo Sr. Bispo D. Edmundo Luiz Kunz, que, em

sua oração colocou a importância do testemunho de vida do cristão em relação a sua participação aos atos de culto.

Para os membros das Comissões de Construção era o cumprimento da tarefa que lhes tinha sido atribuída pela Comunidade, cabendo dar graças a Deus e aos irmãos em N. S. Jesus Cristo que tornaram possível aquele momento, sua gratidão.

A Imagem de Santa Teresinha

Desde a primeira Festa, a imagem de Santa Teresinha era levada em procissão para o Passo da Areia, ficando vago seu lugar na Matriz. Quando a Capela passou a ter condições de abrigá-la, sua permanência, que era de um fim de semana, passou a ser mais longa. Esse fato causou certo descontentamento a algumas senhoras devotas, pois trazia prejuízo a suas orações, segundo informaram ao Vigário, quando, alguns dias antes de uma das festas havidas, o procuraram para protestar, pois o Programa da Festa anunciava a repetição da procissão com a imagem, o que esperavam ele não permitisse.

Conciliador, o Cônego Afonso procurou uma solução que atendesse as duas partes - os festeiros se aproximavam do pânico a Santa não ficaria mais do que o domingo fora da Matriz. O impasse foi resolvido e a imagem continuou visitando a Capela, onde terminaria ficando, definitivamente.

Pouco tempo depois, sob novo Vigário, a Matriz foi reformada e a maioria das imagens retiradas. A de Santa Teresinha, posteriormente foi adquirida pelo Dr. Jerônimo Pedroso de Oliveira e por ele doada à Capela.

Originalmente, esta imagem havia sido doada à Matriz por Dna. Guiomar Ramos, em 04.09.1929. Sua filha Dna. Aracy Ramos Pinto, grande amiga nossa e da Capela, a quem doara o cálice e as galhetas, consultada sobre a mudança, deu a sua concordância.

É um belo trabalho em gesso e naquela ocasião foi restaurada pela artista, Dna. Yeda Lima Roth. Em 1987, 90 anos da morte de Santa Teresinha, em programa de televisão alusivo, foi mostrada uma foto sua, o olhar abrangente da imagem estava ali. Lembramos, então, o artista que a executou. Que a Comunidade saiba conservá-la, juntamente com o amor a Jesus, como Santa Teresinha o fez.

O Pregador

Certa ocasião, algumas senhoras da Comunidade da Capela de Santa Teresinha do Passo da Areia, nos procuraram para que interviéssemos no sentido de que um outro sacerdote, com um discurso mais profundo que o do Vigário, pregasse nos tríduos e na Missa da Festa que se aproximava. E, para facilitar, já tinham o nome de um pregador (era assim chamados os que faziam os "sermões" nas assembléias litúrgicas ou seja explanavam seu pensamento sobre os temas que escolhiam), de oratória brilhante, asseguravam, seria de grande proveito para a fé da Comunidade.

Conhecedores de ambos, sendo que nosso Vigário desde quando éramos criança, fomos contrários à idéia.

O grupo insistiu e o assunto foi levado a uma reunião com a Comunidade, onde argumentamos com o testemunho cristão de nosso Vigário, lembramos o "santo de casa não faz milagre" e encerramos de forma radical: Para nós, cada vez que o Vigário limpava o peito - coisa

que tinha o hábito de fazer e ruidosamente, enquanto falava valia por dez mil palavras daquele que queriam convidar; fomos derrotados pela maioria e, certamente por castigo, nos incumbiram de obter a aprovação do Vigário para o convite ao dito pregador.

Colocamos o pedido ao Vigário, que aprovou a idéia com entusiasmo. E assim, no primeiro tríduo lá estava o brilhante pregador, nos seguintes também tudo correu bem, e nós já estávamos quase convencidos de que era prevenção que tínhamos com o discurso do referido Padre. Mas chegou o dia da Festa, a Missa Campal, concorridíssima por sinal, e a hora do sermão o pregador, esbanjando adjetivos usava vários para cada substantivo, era sua marca - mantinha a atenção dos fiéis, enquanto traçava o panegírico da Padroeira da Capela. Em certo momento, numa das séries de adjetivos, atribuiu à Santa um defeito que ninguém gosta em seus amigos, quanto mais na Santa de sua devoção. Seguiu-se uma lenta e discreta debandada dos fiéis.

A tarde, ao encerrar a procissão, falou o Vigário, na sua extreme simplicidade, reparou a falha do colega, exortou a todos em sua fé, proclamou a esperança, arrancando lágrimas de alegria e emoção de muitos presentes.

O Extraordinário

Não somos dos que facilmente aceitem os fatos como sobrenaturais, mas este nos impressionou, tem contornos de ação divina, direta.

Estavam sendo construídas as paredes superiores da torre, aquelas onde se assenta a última chapa onde está fixada a cruz. Era uma quente tarde de março, entre 13 e 14 horas, subitamente, o Luiz Carlos e nós, que fiscalizávamos o trabalho, vimos o Leopoldo Souza que construía a

parede frontal, cambalear (mais tarde soube-se que tivera uma tontura, provavelmente causada pelo calor) e agarrar-se à parede que fazia, instintivamente correrem para junto a torre que tem 7 metros de altura; a parede caiu, o Leopoldo que nela se segurava, não; os tijolos caíram ao nosso redor e nós só sujamos a roupa, inclusive a gravata que não prestou mais, manchada pela argamassa úmida.

O Leopoldo desceu, com a ajuda do Luiz Carlos, nós limpamos a roupa e os três entramos na Capela para rezar agradecendo a Deus.

O Aerocel

Em 1965, o Nélío Steigleder doou à Capela uma de suas criações, chamada aerocel e destinada a substituir o antigo carrocel, indispensável a qualquer festa, pela atração que provoca na criançada e cuja vinda para a festa de São Jerônimo, sempre se constituiu em uma novela. O Aerocel, já naqueles tempos, era um sucesso total, pois usava aviões e os motores eram instalados nos próprios e os cavalos já estavam ficando em segundo plano.

Difícil era para os operadores, que tinham de erguer a gurizada por dois ou mais dias e alguns já bem pesadinhos.

A doação estava condicionada ao atendimento das festas da Matriz, o que foi cumprido por algum tempo, mais tarde com as mudanças havidas, o Aerocel não foi mais visto, talvez tenha sido modificado como tantas outras coisas o foram.

O Tiro ao Alvo

Sempre em busca de novas atrações, em uma festa foram adquiridas duas armas para o tiro ao alvo. Adquiria-se um certo número de setas ou plumas e ao fazer determinado número de pontos, tinha-se direito a um prêmio a ser escolhido na tenda respectiva.

O João Valle, que além de um bom pedreiro é ótimo atirador, adquiriu várias séries de uma vez e errou só uma, nas demais fez a pontuação máxima: quando concluiu é que fomos chamados a intervir. Não havia prêmios suficientes. O caso foi resolvido com alguns brindes do Tudo Premiado e a promessa dele em deixar o tiro para outros de pontaria menos segura.

Final

Com a Capela praticamente concluída, a Comissão, após um período de descanso, voltou ao trabalho, agora voltado para a evangelização.

E, também neste aspecto foi feliz, graças a Deus. A Comunidade soube demonstrar que o espírito de fraternidade, a fé e a vontade de conhecer Jesus Cristo e a sua palavra, não tinham arrefecido com o fim da obra, muito pelo contrário.

As celebrações eram muito concorridas e realizadas com espírito de fé. A Equipe de Liturgia da Paróquia muito contribuiu para o êxito das celebrações.

Mas a Igreja, como entidade, ou melhor, as suas autoridades, às vezes apelam à burocracia e ao autoritarismo, como forma de silenciar aqueles que não as estão agradando. Isso ocorreu e ainda ocorre em todas as escalas hierárquicas e a Capela não foi uma exceção. Essas atitudes, tão em desacordo com o que ensinou Cristo, talvez sejam herança da união com o Estado e seu Poder.

Seguiu-se, infelizmente um período de descenso, até o quase abandono.

Quando recomeçou, foi pelas obras materiais. Várias modificações foram feitas, externa e internamente, descaracterizando a Capela; no nosso entendimento com o sacrifício da estética e funcionalidade.

Hoje, a Comunidade da Capela de Santa Teresinha vive um novo crescimento, contando com Ministros próprios, movimentos jovens, curso de catequese e outras atividades, além do convívio social que proporciona.

Gráfica São Jerônimo

Anexo — A Igreja em imagens

Fotografias do acervo da comunidade, publicadas no Volume II (2022), incluídas aqui como complemento ilustrativo. O texto acima reproduz o original de 1991.



Fachada da Igreja de Santa Teresinha, Passo da Areia, São Jerônimo/RS.



Painel em basalto na fachada: silhueta de Santa Teresinha, desenho de Gerson Pradella, execução de Idemar Rodrigues Ramos.



Imagem de Santa Teresinha, em gesso, que se encontra na Igreja.